

CONFLITOS SÃO INEVITÁVEIS?*

NELSON MARCIO ROMANELI DE ALMEIDA**
Capitão de Mar e Guerra (IM)

SUMÁRIO

Introdução
Conflito – Conceituação
A Guerra como Fenômeno Social - Breve Análise
Considerações Finais

INTRODUÇÃO

“Papel de juiz é resolver conflitos e não de criar”¹. Essa afirmação recente de um ministro do Superior Tribunal Federal se adequa bem à sociedade, mas não aos Estados. Em que pese ser válido o conceito hobbesiano do sistema anárquico de

Estados, no cenário internacional ainda não existe uma entidade formalmente designada para exercer o controle do comportamento humano. Entre os Estados observa-se tão-somente uma postura de relacionamento transversal, sem ocorrer qualquer tipo de submissão, ou seja, não existem “juízes” que “resolverão os conflitos”.

* Adaptação do trabalho apresentado na Escola de Guerra Naval-CPEM-2016, com o título: “Em uma era de múltiplas transformações sociais, econômicas e na política internacional, os conflitos são inevitáveis?”.

** Vice-Diretor de Coordenação do Orçamento da Marinha.

¹ MOREIRA, Rene. “ ‘Papel de juiz é resolver conflitos e não de criar’, diz ministro do STF”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 mar. 2016 disponível em < <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ministro-do-stf-alfineta-sergio-moro-no-interior-de-sp>>. Acesso em 18 mar. 2016.

O relacionamento entre os Estados é dinâmico e traz em seu bojo os mais variados interesses, que são inerentes a cada um dos envolvidos, podendo tais interesses ser uníssonos ou díspares. Quando existe a concordância de ideias está presente o estado de paz, mas quando emergem dissonâncias de pensamentos poderá surgir o conflito.

E, nesse sentido, considerando que os Estados “não têm amigos, mas interesses” e que os conflitos são uma realidade em nível global, há que se pensar se as múltiplas transformações sociais, econômicas e na Política Internacional (PI) podem exercer alguma influência na forma como os Estados percebem e efetuam o gerenciamento de conflitos.

Chega-se, então, às questões em investigação no presente estudo. Até que ponto as dinâmicas mudanças impostas pela globalização contribuem para evitar um conflito? E os exemplos de conflitos passados podem nos ajudar a entender o tema?

Inspirado por essa realidade, o presente trabalho tem o propósito de analisar se os conflitos são realmente inevitáveis à luz dessas mudanças. E, para tal, será estruturado da seguinte forma: inicialmente será apresentado um breve marco teórico acerca do termo conflito, contextualizando-o no escopo deste trabalho; seguir-se-á a exposição da guerra enquanto fenômeno social e uma breve análise; e, por fim, serão feitas as considerações finais à luz da literatura estudada.

CONFLITO – CONCEITUAÇÃO

O sociólogo alemão Julien Freund (1921-1993) lança algumas ideias para reflexão antes de partir para a definição de conflito, quais sejam: o conflito não nasce necessariamente por conta de uma

incompatibilidade acerca de objetos, de desejos ou de propósitos diferentes, mas em geral sobre opiniões, juízos de valor ou simplesmente impressões que se tem sobre uma questão ou conjunto de fatos; o conflito é de ordem vivencial, imediato ou repetido ao longo do tempo; e, o conflito é uma forma possível de relação social².

Nesse sentido, depreende-se que o conflito é uma elaboração social que nasce da natureza humana e que pode, dependendo das suas razões, da forma como as partes o percebem e da maneira como se desenrola, ser entendido como positivo ou negativo. A caracterização de um conflito dependerá, dentre outros aspectos, das experiências pessoais dos líderes, dos seus anseios e de motivações em buscar soluções menos danosas.

Em termos de conceituação de conflito, Freund (1995, p. 58), assim se expressa:

“El conflicto consiste en un enfrentamiento por choque intencionado, entre dos seres o grupos de la misma especie que manifiestan, los unos respecto a los otros, una intención hostil, en general a propósito de un derecho, y que para mantener, afirmar o reestablecer el derecho, tratan de romper la resistencia del outro eventualmente por el recurso a la violencia, la que puede, llegado el caso, tender al aniquilamiento físico del otro.”

Assim, da análise desse conceito, depreende-se que: o enfrentamento deve ser manifesto entre as partes; não há conflito entre um homem e um animal; há de estar presente a determinação de causar algum dano na outra parte; os direitos violados são a causa principal do início dos conflitos; e o uso da violência é previsto, ou seja, não existe conflito de ideias para se fazer valer seus direitos.

² FREUND, 1995, p. 20-23.

Em síntese, são elencadas algumas lições acerca do conflito que merecem destaque, a saber: o atual regime internacional de Estados em que vivemos guarda uma semelhança com o estado da natureza proposto por Hobbes, ou seja, trata-se de um sistema anárquico de Estados, sem uma instância superior; o conflito é intrínseco às sociedades e pode vir a contribuir de alguma forma para a unidade do grupo, ou até mesmo exercer um papel de equilíbrio no cenário mundial; o conflito é uma relação social, um fenômeno social, em que a presença de seres humanos com suas características pessoais no processo pode ser considerada um fator potencializador para a consecução desses; e o conflito é o resultado do anseio subjetivo de pessoas e grupos para defender seus direitos e suas pretensões.

A GUERRA COMO FENÔMENO SOCIAL – BREVE ANÁLISE

O *Manual de Doutrina Militar*, do Ministério da Defesa, conceitua a guerra, que será objeto desse estudo, como sendo o conflito no seu grau máximo de violência, podendo implicar a mobilização do Poder Nacional, com relevância para o Poder Militar, para fazer valer a vontade de uma das partes³.

De modo a que se possa melhor entender o fenômeno da guerra, ao se combinar os pontos de vistas jurídico, sociológico, militar e psicológico tem-se que é “um estado

legal e uma forma de conflito envolvendo um alto grau de paridade legal, de hostilidade e de violência dos grupos humanos organizados”⁴.

Observa-se que o autor acima já prevê o ponto de vista sociológico para o tratamento da guerra enquanto fenômeno social. Dessa forma, já em 1945, Gaston Bouthoul (1896-1980) cunhou o termo polemologia para designar uma nova possibilidade de incluir na sociologia o estudo científico das guerras e da agressividade organizada, no intuito de que se pudesse perceber como esse fenômeno violento ocorria e permitir que, a par desses estudos, se pudesse efetuar algum controle nos futuros acontecimentos.

**Entre outras coisas, o
conflito é o resultado do
anseio subjetivo de pessoas
e grupos para defender seus
direitos e suas pretensões**

Nesse sentido, nasceu a polemologia como sendo “o estudo objetivo e científico das guerras como fenômenos sociais suscetíveis de observação igual a outro qualquer”⁵.

Enquanto fenômeno social, e por ser considerada a forma mais grave e profunda de conflito social (presença da violência extremada), a guerra pode ser observada desde os primórdios da civilização humana. Seja por sobrevivência, busca de comida, motivos territoriais, políticos, étnicos ou religiosos, entre outros, o homem usou, usa e usará a violência como forma de resolução desses conflitos.

Essa afirmação encontra eco nas palavras de Howard⁶ (2004, citado por BALTAZAR, 2006, p.169), que afirma que provas arqueológicas, antropológicas e documentais assinalam que a guerra sempre

3 BRASIL, 2007, p.21.

4 WRIGHT, 1988, p.5.

5 BOUTHOU, 1984, p. 66-67.

6 HOWARD, Michael, *A Invenção da Paz – Reflexões sobre a guerra e a Ordem Internacional*, Lisboa: Guimarães Editores. 2004.

foi “a norma universal” ao longo da história humana, sendo irrelevante investigar se resultava de uma agressividade natural ou se essa hostilidade nasceu da necessidade de lutar pela posse de itens escassos, como a água e a terra.

Já no plano científico, em 2008, foi apresentada uma teoria em universidades americanas e no Reino Unido que sugere que a guerra é um produto da cultura humana e, por isso, um fenômeno recente.⁷

Esse estudo sugere que a questão da sobrevivência dos mais fortes nas lutas como parte do instinto de preservação pode ser explicada até mesmo sob a ótica biológica, científica e não somente no que tange aos aspectos sociológicos e psicológicos.

Entretanto, Bonanate (2001, p. 274) já apresentava um contraponto a esse estudo, na medida em que afirma que o comportamento humano não é constante e que a guerra pode ser considerada um fenômeno mais sociológico, ou seja, é consequência dos costumes e das tradições das sociedades e não da estrutura orgânica do ser humano em si.

Os hormônios que o organismo humano produz podem até ser controlados, mas não se consegue atuar sobre todas as variáveis que estão presentes no comportamento do ser humano, desde a vaidade, passando por interesse e culminando com a necessidade de poder. Dessa forma, não basta traçarmos as possíveis diretrizes ou linhas de ação que poderão compor o processo da guerra ou aplicarmos formas de reduzir a produção

de um hormônio que induz à agressividade. A guerra, como já mencionado, é um fenômeno social, e para que possamos obter os melhores rumos a seguir no processo decisório, há que se recorrer à polemologia como ferramenta para obtenção de informações que contribuirão para controlar ou, quem sabe, evitar os conflitos.

Outro ponto que muito se observa nos dias de hoje é a tentativa de redução de arsenais dos Estados. Simplesmente reduzir o poderio bélico dos Estados por meio da assinatura de tratados ou convenções internacionais não parece ser a panaceia que tornará as guerras inevitáveis. Se não houver a preocupação de se trabalhar questões como cultura, valores e crenças dos indivíduos, todos os esforços poderão ser inúteis.

No mundo contemporâneo, vive-se uma espécie de culto aos conflitos, na medida em que a competição e o desejo de vencer superam, muitas vezes, a questão racional que envolve o processo da

guerra. A violência pode ser observada nas diversas etapas desse processo, desde a questão psicológica até a física. Considerando o atual sistema anárquico de Estados em que se observa uma espécie de horizontalização de relações, não havendo vínculos de subordinação e nem o estabelecimento de um órgão de controle (“juiz supremo”), os Estados mais fortes acabam por buscar as formas mais fáceis de resolução de questões, qual seja a possibilidade de aplicação da violência nos conflitos desencadeados por esses Estados.

Simplesmente reduzir o poderio bélico dos Estados por meio da assinatura de tratados ou convenções internacionais não parece ser a panaceia que tornará as guerras inevitáveis

7 Disponível em: < <http://noticias.uol.com.br/ultnot/cienciasaude/ultnot/bbc/2008/11/12/ult4432u1812.jhtm>>

Da observação da história percebe-se que as guerras podem possuir as mais variadas motivações, desde econômicas, busca de poder, vaidade dos líderes, orgulho ou até políticas. Não se pode admitir que somente motivações, por exemplo, de cunho nacionalista ou puramente questões territoriais possam vir a ser o estopim de conflitos. Interesses materiais e tangíveis de uma nação podem fomentar ou ser fomentados por meio da guerra.

Na visão de alguns autores, a guerra exerce um papel fundamental para o desenvolvimento da humanidade, uma vez que contribui para o progresso, em lugar de prejudicá-lo. A própria Atenas ascendeu ao tope da sua civilização não somente pelas guerras, mas devido a elas. Já no que tange à Alemanha, é dito que os preparativos para as guerras não foram um desastre econômico, mas sim impulsionadores da economia.⁸

Em outras palavras, questões de cunho econômico podem ser, ainda que veladas, as causas mais profundas de uma guerra. Os decisores podem considerar a possibilidade, por exemplo, de se deflagrar uma guerra quando um Estado que está em uma situação confortável em termos de economia se sente pressionado por aquele “aventureiro” que se “atreve” a crescer, tornando-se uma ameaça. Essas situações foram observadas ao longo da história, sendo relevante mencionar que, de alguma forma, ocorreram transformações no plano econômico no interregno desses conflitos (por exemplo, Peloponeso e Grande Guerra).

Mais recentemente, a imprensa noticiou que a Argentina voltou a avocar a soberania das Ilhas Falkland, sob o pretexto de que ainda existiam “questões coloniais” mal resolvidas em pleno século XXI. Essa iniciativa tem criado constrangimentos diplomáticos entre os dois países. Tal atitude pode, se não for corretamente gerenciada no plano diplomático, escalar e até mesmo conduzir a um possível recrudescimento de conflito que foi encerrado em 1982. Nesse sentido, cabe mencionar que nesse processo estão presentes sentimentos nacionalistas de perda do lado argentino. Entretanto, o que dizer da exploração pelo Reino Unido (RU) das recentes descobertas de hidrocarbonetos na área das Ilhas? Essa questão de cunho econômico não é recente, na medida em que o RU já estudava aquela área desde a crise do petróleo de 1970 e sabia que o óleo daquela região era de boa qualidade, aliado ao fato de que a

**Na visão de alguns autores,
a guerra exerce um
papel fundamental para
o desenvolvimento da
humanidade, uma vez que
contribui para o progresso,
em lugar de prejudicá-lo**

Argentina também tem conhecimento dessa informação. Fica o questionamento: será que esse aspecto econômico foi levado em conta por ocasião da “invasão” das Ilhas pela Argentina em 1982? Estaria o RU protelando a “devolução” da soberania à Argentina por conta dessas reservas de hidrocarbonetos? Esse pode ser um exemplo de questões econômicas “veladas” que podem ser a motivação de guerras ou do recrudescimento delas.

Entretanto, existem correntes que apregoam que os verdadeiros motivos que impelem as nações à guerra não são exclusivamente de cunho econômico. Estão

⁸ ANGELL, 2002, p. 140.

presentes as causas naturais da guerra, ou ainda aquelas que são “estranhas ao influxo da razão”, podendo-se citar a vaidade; o espírito de competição; o desejo de sobressair, de ocupar uma posição influente e de ostentar poder e prestígio; um impulso de ira; o desejo de dominar um rival a qualquer preço, entre outros. E, de modo geral, o fato de que tanto os seres humanos como as nações sempre se digladiaram e continuarão a fazê-lo porque “esta é a sua natureza”⁹.

Para ilustrar este ponto cabe a seguinte reflexão: Realmente existiam armas de destruição em massa no Iraque? Ou seria o perfil excessivamente “explosivo”, combinado com as causas acima citadas, do ex-presidente “texano” George W. Bush que contribuiu para se levar a cabo a II Guerra do Iraque? Enfim, constata-se que a presença de um ser humano no complexo processo decisório da guerra pode vir a ser o motivo de sua inevitabilidade.

Dessa forma, as ditas causas naturais apontam para que não se trate o fenômeno da guerra como um simples modelo cartesiano de escolhas. Quando existe a presença do ser humano não podemos implementar um modelo simplório que toma como base a capacidade cognitiva da razão, mas que não parece ser adequado à compreensão da realidade como um todo. Há que se levar em conta todos aqueles fatores psicológicos e sociológicos envolvidos na guerra, conforme já abordado. Quando se está diante do tabuleiro de xadrez que é a guerra, o cálculo dos movimentos deve ser estudado

sob o enfoque também das questões que são inerentes ao ser humano e não somente da comparação de poderes combatentes.

O General Homer Lea (1876-1912) afirma “não só que a guerra é inevitável, mas que qualquer esforço sistemático para aboli-la atenta, inutilmente, contra as leis universais”. O General John J. Storey (1869-1921) assevera que alguns idealistas sustentam o seu ponto de vista afirmando que, com o avanço da civilização, a guerra não mais existirá. Entretanto, ressaltam que “a civilização não mudou a natureza humana. É a natureza humana que torna

a guerra inevitável. A luta armada não desaparecerá da terra enquanto a natureza humana não mudar”¹⁰.

Os idealistas parecem se equivocar ao declarar que as múltiplas transformações nas mais variadas áreas (por exemplo, sociais, econômicas e na política internacional)

poderiam tornar as guerras evitáveis. Realmente, tais mudanças podem ser mais um elemento que contribuirá para a montagem do mosaico da guerra. Entretanto, olvidam-se do fato que alterações nas culturas, nos valores e na natureza humana têm um tempo de maturação bem maior do que as demais alterações. Os indivíduos sempre terão interesses, vaidades, vontades, espírito competitivo, orgulho etc., que moldarão suas atitudes.

Para ilustrar esse ponto, relembra-se a Guerra do Peloponeso. Naquela ocasião, o dilema de segurança fez com que a guerra fosse altamente provável (o que é diferente de inevitável), mas as decisões humanas

“Não só que a guerra é inevitável, mas que qualquer esforço sistemático para aboli-la atenta, inutilmente, contra as leis universais”

General Homer Lea

⁹ *Ibidem*, p. 135.

¹⁰ *Ibidem*, p. 139-140.

foram bastante importantes naquele momento, relevando mencionar que o acaso e as personalidades dos líderes tiveram importância elevada nas decisões¹¹. Nesse ponto, mais uma vez o “fator humano” prescindiu a razão e alterou o rumo da história, na medida em que, se fosse adotada uma postura pragmática e livre de emoções, o referido conflito poderia ter sido evitado.

No tocante à Primeira Guerra Mundial, o livro de Churchill retrata bem esse ponto ao afirmar que as nações estavam insatisfeitas com a prosperidade material e se voltaram para a guerra. Mas, naquela ocasião, “os homens é que estavam desejosos por arriscar”¹².

Na verdade, naquele período imperava a crença de que os Estados estariam prontos a agir no sentido de resolver os problemas da Europa tão-somente com o uso da força. Essa ideia estava na mente dos homens (líderes) que se achavam “indestrutíveis”, e não houve a possibilidade de se buscar uma solução pacífica para as questões que se avizinhavam.

Os conflitos são de caráter universal e existem desde que o homem é homem, mas atualmente pode-se inferir que os Estados envolvem-se em conflitos por conta do antagonismo de ideias ou quanto à interpretação de um direito violado. E é essa dissonância de interpretação que acaba por fazer aflorar os sentimentos da natureza humana que desencadeiam os conflitos (por exemplo, vaidade, orgulho da sua posição, rivalidade e necessidade de grandeza, entre outros). Esses sentimentos

por si só acabam por justificar uma guerra ou torná-la inevitável.

O conflito, tanto entre as nações (que são as guerras) como entre os demais organismos, pode ser considerado uma “condição de vida e de sobrevivência”. E essa lei biológica que é inerente ao ser humano acaba por vedar a humanidade de obedecer à máxima de oferecer ao inimigo a outra face, fazendo com que essa afirmação não seja aceita pela natureza humana. Assim surge a disposição para o conflito, que deve perdurar enquanto subsista a nossa espécie¹³.

Mas, enfim, são as guerras inevitáveis

**São as guerras inevitáveis
à luz das transformações
que o mundo sofre
constantemente em
todas as esferas?**

à luz das transformações que o mundo sofre constantemente em todas as esferas? Antes de buscar essa resposta, há que se procurar entender as lições que o passado nos proporciona, de modo a antever pos-

síveis situações que possam evoluir para conflitos. Os conflitos existem desde o início dos tempos e continuarão a existir enquanto a civilização estiver presente no mundo. Logo, as atenções e os esforços devem ser dirigidos para encontrar formas de extingui-los, diminuí-los ou, pelo menos, controlá-los, a fim de reduzir os efeitos nocivos decorrentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na literatura pesquisada, tem-se que os conflitos são de caráter universal e emergem no seio da sociedade, sendo algo inerente a esta, e podem assumir um papel de estabilizador nas relações. Os conflitos

11 NYE, 2002, p.22.

12 *Ibidem*, p. 98.

13 ANGELL, 2002, p.143.

tendem a surgir como anseios subjetivos de grupos e pessoas, de modo a buscar o atingimento de suas pretensões ou a reivindicação de direitos.

No escopo deste trabalho, foi utilizado o conceito de guerra que significa um tipo de conflito no seu grau máximo de violência, podendo implicar mobilização do Poder Nacional. Como a estrutura mundial guarda uma semelhança com o sistema anárquico de Estados proposto por Hobbes, a polemologia, que estuda o fenômeno da guerra, pode oferecer ferramentas valiosas para que as decisões futuras possam ser mais bem avaliadas.

Questões de cunho econômico podem fomentar um conflito e torná-lo inevitável, pois os líderes podem enxergar uma eventual “oportunidade de negócios” na guerra.

Da análise dos pontos de vista abordados no presente trabalho, aduz-se que os conflitos possuem um elemento que exerce uma influência grande no processo da guerra, qual seja, o ser humano. Suas características intrínsecas acabam por introduzir um ingrediente que pode ser incontrolável nesse processo. Alguns exemplos históricos de guerras que não seriam inevitáveis acabam por enriquecer tal afirmação: no Peloponeso, as “decisões humanas” e “as personalidades dos líderes” influenciaram

o andamento da guerra; e, na Primeira Guerra Mundial, em que pese haver alternativas, “os homens estavam desejosos por arriscar”. Relevante mencionar também o espaço decorrido entre essas duas guerras e que nesse período, certamente, ocorreram transformações econômicas, sociais e na PI.

À luz do pensamento acadêmico exposto no presente trabalho, infere-se que questões econômicas prementes e causas naturais da guerra que são estranhas ao influxo da razão (e.g. vaidade, orgulho, brio, necessidade de poder, entre outras) são variáveis que conduzem ao raciocínio de que, mesmo ocorrendo múltiplas transformações sociais, econômicas e na PI no cenário mundial, permanece válida a afirmação de que a civilização ainda não alterou a natureza humana, e os motivos

denominados muitas vezes de irracionais acabam por justificar uma guerra ou torná-la inevitável.

Por fim, observa-se que os conflitos existem desde os primórdios da civilização e continuarão a existir enquanto a natureza humana estiver presente no mundo. Assim, todos os esforços devem ser direcionados na incessante busca de formas de extingui-los, diminui-los ou, pelo menos, controlá-los, a fim de minimizar os eventuais efeitos danosos à sociedade.

Os conflitos existem desde os primórdios da civilização e continuarão a existir enquanto a natureza humana estiver presente no mundo. Assim, todos os esforços devem ser direcionados na incessante busca de formas de extingui-los, diminui-los ou, pelo menos, controlá-los, a fim de minimizar os eventuais efeitos danosos à sociedade

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<GUERRAS>; Conflito;

REFERÊNCIAS

- ANGELL, Norman. *A Grande Ilusão*, São Paulo: UnB, 2002.
- BALTAZAR, Maria da Saudade. “(Re)Pensar a Sociologia dos Conflitos: a disputa paradigmática entre a Paz Negativa e/ou a Paz Positiva”. *Revista Nação e Defesa*, nº 116, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa. 2007. Disponível em <<http://www.idn.gov.pt/publicacoes/nacaodefesa/textointegral/NeD116.pdf>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2016.
- BONANATE, Luigi. *A Guerra*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BOUTHOU, Gaston. *Tratado de Polemologia*. Madrid: Ediciones Ejército, 1984.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Portaria Normativa nº 113/SPEAI/MD. Doutrina Militar de Defesa. Brasília, 2007.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 7ª. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- FREUND, Julien. *Sociología del conflicto*. Madrid: Ediciones Ejército, 1995.
- MOREIRA, Rene. “ ‘Papel de juiz é o de resolver conflitos e não de criar’, diz ministro do STF”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 mar. 2016. Disponível em < <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,ministro-do-stf-alfineta-sergio-moro-no-interior-de-sp>>. Acesso em 18 mar. 2016.
- NYE JUNIOR, Joseph S. *Compreender os conflitos internacionais: uma introdução à teoria e à história*. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2002. 304 p. ISBN 9726628458.
- WRIGHT, Quincy. *A Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,